

A QUERELLE DES FEMMES*

CLÁUDIA COSTA BROCHADO**

Principalmente a partir do séc. XII, as mulheres, enquanto coletivo, convertem-se em uma “questão” incômoda, tanto ao assumir um papel mais ativo nos espaços tradicionalmente femininos, com ao entrar em outros espaços até então exclusivamente masculinos. O mal-estar gerado por este processo aguça o conflito entre os sexos, cuja maior expressão será a *Querelle des Femmes*¹ - debate literário criado como consequência da dialética entre os textos a favor e contra a mulher surgido, principalmente, após a discussão em torno ao *Roman de la Rose*.² Um dos expoentes deste movimento foi a escritora franco-italiana Christine de Pisan que propunha em seu *La Cité des Dames* uma “ginecotopia”.

No contexto ibérico, outra autora que participa nesse debate foi Isabel de Villena³ com seu livro *Protagonistes Femenines a la “Vita Christi”*, o qual pode ser lido como uma resposta à corrente literária misógina que se manifesta na Baixa Idade Média. Villena, assim como outras autoras medievais, procurou defender as mulheres das acusações e hostilidades que sofriam nos escritos que se disseminavam nesse período. O repúdio aos textos misóginos, revelado por algumas mulheres através de suas obras, representou - mantendo as devidas proporções de tempo e espaço - uma incipiente manifestação feminista.

Percebemos nos últimos séculos medievais um crescimento no volume de obras cujos conteúdos expressavam a evidente hostilidade à mulher. Acreditamos que esta tendência que culmina, como já foi dito, no movimento literário denominado *Querelle des femmes*, poderia ser um reflexo de mecanismos mais complexos que estariam surgindo em uma sociedade que se modificava de maneira intensa.

* Participação em mesa redonda na III Semana de Estudos Medievais, Brasília 1996.

** Professora do IESB, Instituto de Ensino Superior de Brasília.

Tentamos detectar as razões e os objetivos de tal fenômeno já que, por sua dimensão, intensidade e, em certo sentido, originalidade, o percebemos mais como um movimento deliberado do que como simples reflexo de uma sociedade misógina. Nosso objetivo aqui não é identificar no entanto tais razões, mas apenas alertar para a possibilidade de aprofundar-se mais nas interpretações desse fenômeno.

Para tanto, levantamos de maneira superficial algumas questões: teria esta manifestação literária feito parte de um movimento maior, de mentalidades, que culminou no neoclassicismo do Renascimento e na valorização, enquanto estética, do *masculino* em detrimento do *feminino*? Da amizade entre homens em detrimento do matrimônio-amor heterossexual? Haveria espaço para a mulher no contexto de um saber que se refina, numa estética que se aperfeiçoa, mas que é masculina? Na valorização da estética do corpo, de que corpo feminino falaria aqueles que não o conheciam? Onde se encaixaria um suposto "ser emocional" na nova razão renascentista?

Isabel de Villena, a autora que pretendo apresentar como representante desse movimento, era abadessa de um convento de clarissas de Valencia, tendo vivido entre 1430 e 1490. Era filha ilegítima do nobre e escritor catalão Enrique de Villena e criada na corte de sua tia e prima Maria de Castela, esposa de Afonso o Magnânimo. Isabel viveu em um ambiente cortesão, porém por sua condição de abadessa, intensificará seu convívio com religiosos, entre eles, muitos escritores. Villena destinará seu livro *Protagonistes Femenines a la "Vita Christi"*⁴ às religiosas do seu convento e procurará, como o título sugere, colocar em destaque as personagens femininas do Evangelho.

Pelo que tudo indica, Villena pretendia também com o seu livro responder aos ataques contra as mulheres formulados por Jaume Roig⁵ em sua obra *Llibre de les Dones, o Spill*⁶. Este escritor medieval, médico de profissão, era contemporâneo e conterrâneo de Isabel de Villena e sua obra parece tê-la inspirado a escrever as *Protagonistes* como forma de defender o seu sexo. Comparando ambas obras esta hipótese tende a confirmar-se na medida em que Villena procura tocar em todos os temas retratados por Jaume Roig, porém por uma ótica diametralmente oposta.

Jaume Roig foi um médico de família nobre que viveu no século XV em Valencia, tendo estudado em Paris. Mantinha também uma relação próxima com a rainha Maria de Castela, de quem fora médico particular.⁷ Escreverá essa obra quando já viúvo de Ursula Mercader, esclarecendo que seu objetivo era “doutrinar, dar exemplo e bom conselho”.⁸

Quais seriam os pontos que evidenciam a participação de Villena no amplo movimento da *Querelle*, ou seja, sua preocupação em defender as mulheres das acusações misóginas? Esses são perceptíveis ao longo de praticamente toda a sua obra, sendo possível, entretanto, destacar alguns.

O ACESSO AO SABER

Uma das grandes verdades ocidentais é a da emotividade como característica determinante do sexo feminino. A dificuldade de controlar esta emoção sempre foi vista como uma debilidade feminina que, mesmo que em um primeiro momento pudesse ser interpretada como inofensiva, descobrimos, através de uma análise mais atenta, ser ela a geradora do que se costumava chamar de faltas graves de caráter eminentemente femininas. Sabemos também que a cultura ocidental sempre tendeu a traçar uma linha divisória bastante precisa entre o que faz parte do domínio do emocional daquilo que pertence ao domínio do racional, e colocar o segundo em detrimento do primeiro.

O saber institucionalizado, determinante para o acesso a quase todas as formas de poder - e, obviamente, gerador deste - era de domínio do racional e também de poucos homens. As mulheres deveria caber outros espaços, nos quais, segundo a voz dominante, ela seria mais útil dada sua condição. Um dos poucos grupos femininos que conseguia escapar efetivamente deste controle e ao qual era permitido ter acesso a algum tipo de saber era o das mulheres religiosas que, dado o seu isolamento do mundo exterior, em geral geravam e consumiam elas mesmas esse saber.

Uma das formas básicas para se ter acesso ao saber intelectual seria o domínio da linguagem escrita, o que, naquela época, significava ler,

além da língua materna, pelo menos o latim. Ou seja, era necessária a escolarização, o domínio da palavra escrita.

Com relação a este tema, Isabel de Villena, em seu livro, divergirá totalmente de outros autores de seu tempo, exemplificando que Maria, depois da morte de Jesus, passará a ensinar teologia aos apóstolos em substituição a este. Villena com isso contradiz também São Tomás de Aquino que em sua *Summa Theologica* dirá que Maria teria recebido o dom da sabedoria não para usá-los nem para ensiná-los e sim para a contemplação:

*Sapientiae enim usum habuit in contemplando...non autem habuit usum sapientiae quantum ad docendum, quia hoc non conveniebat sexui muliebri.*⁹

Villena acrescentará um ponto importante no debate em torno a predisposição, inerente ao sexo feminino, ao trabalho físico/doméstico em detrimento do mental. Ela explicará - através do sermão de Jesus a Marta - que essa divisão não se dá necessariamente entre homens e mulheres e sim entre seres humanos mais predispostos aos trabalhos físicos e outros mais aos mentais.

Jesus tentaria explicar a Marta a razão de ser Madalena aquela que sempre estaria ao seu lado em suas meditações e reflexões, esclarecendo a função diferenciada que ambas desempenhavam no mundo; segundo ele, à Marta caberia os trabalhos domésticos, físicos, os quais, explica, eram de extrema importância. À Madalena caberia o de meditação e reflexão. Jesus consolará Marta - por não poder usufruir tanto de sua presença como Madalena - justificando que ela deveria sentir-se feliz por seguir sua natureza que seria mais "desejosa e ansiosa das coisas ativas".¹⁰

Valorizará, no entanto, esses papéis ao dizer que Madalena teria escolhido o melhor e que ele lhe havia concedido o direito ao desempenho dessa forma de vida. Finalizará, contudo, esclarecendo que ambas seriam "doutoras e exemplares duquesas e guias do povo cristão", cada uma desempenhando sua função.

Villena unirá também dois pontos quase sempre excludentes na cultura cristã: para ela beleza e sabedoria não caminham por vias opostas. Em várias passagens de seu livro constatamos a valorização que faz

do belo enquanto estética física. Com relação à vinculação direta desse com o saber encontramos a definição que Jesus teria feito de Judite. Ao encontrar-se com essa no plano celestial, afirmará que em seu tempo não havia mulher na terra que a superasse tanto em beleza como em sabedoria.¹¹

Como já dissemos, o autor que Villena teria pretendido rebater diretamente com sua obra foi Jaume Roig, e o ponto em que isso se faz mais evidente seria nas razões pelas quais Jesus teria aparecido primeiro às mulheres para comunicar sua ressurreição.

Segundo Villena, essa escolha se deveu à preferência que Jesus demonstrou ter pelas mulheres e pela confiança nelas depositada, que, nas palavras desse, seriam as merecedoras de tal privilégio. Ele assim justificará sua escolha:

e saibam todos que, quem é mais fervoroso no amor, merece ser também nas alegrias, consolações e favores, como pode ser visto em vós, mulheres, através da experiência.¹²

Para Jaume Roig, no entanto, as razões de as mulheres serem escolhidas para a primeira aparição e para a divulgação da notícia da ressurreição de Jesus teriam sido outras. Através do personagem Salomão - o conselheiro que alertava ao protagonista das desgraças que as mulheres representavam aos homens na obra desse autor - Roig justificará a escolha de Jesus, na característica, segundo ele, típica das mulheres de serem faladeiras. Para ele, Jesus somente as teria escolhido para o comunicado por desejar que a notícia fosse mais rapidamente divulgada entre seus fiéis.

Acreditamos que a escolarização feminina era observada como um refinamento que fugiria aquilo que seria de utilidade das mulheres. Jaume Roig deixará isso claro ao relatar as desventuras de seu personagem ao casar-se com uma mulher letrada. O personagem de Roig enfrentar-se-á com uma esposa que não cumpre o papel que se espera dela; ele a acusará de ser preguiçosa, de não cuidar da casa, de não saber cozinhar e de não querer abster-se de relações sexuais durante o período de quaresma.¹³

Porém, segundo ele, esta teria sempre ao alcance das mãos “pluma e tinteiro”, com os quais escrevia às escondidas e, ao ser questionada, nega-

va que o fizesse.¹⁴ Criticará sua esposa - segundo ele, ela não lhe revelara seus "maus costumes" antes do casamento - dizendo que essa havia sido criada com muita liberdade, fazendo o que desejava, uma vez educada sem sofrer jamais castigos físicos.¹⁵

OS SUPOSTOS DEFEITOS TÍPICOS FEMININOS

No âmbito da literatura medieval misógina, um dos assuntos permanentes é a descrição de determinadas características femininas que considerariam representantes de todo o sexo. A quase totalidade dessas descrições tem um conteúdo negativo.

A fraqueza feminina foi, nesse quadro de imperfeições, um dos pontos de crítica mais destacado e advinha do Pecado Original. Isabel de Villena buscará demonstrar, no entanto, que a fraqueza não tem, necessariamente, que ser considerada uma característica tipicamente feminina.

Essa autora parece não admitir essa suposta característica e o demonstrará em um episódio de sua obra que teria Maria e José como protagonistas. Na fuga para o Egito, eles teriam deparado com um bando de ladrões que os teria acochado. Dentro desse contexto, Villena assim descreverá a reação do marido de Maria: "Vendo-os, José, ficou, assim, alterado pelo extremo medo e não pôde se mover e perdeu, por completo, a fala";¹⁶ e seguirá com a resposta que Maria teria dado a José:

*Impetum inimicorum ne timeas; memor esto quomodo salvi facti sunt patres nostri: et nunc clamemus in Celum: et miserebitur nostri Deus noster.*¹⁷

Villena tampouco descreverá Maria empregando, como era costume, somente adjetivos de bondade e santidade; a Maria de Villena seria também sinônimo de fortaleza, além de ser aquela que aterrorizaria os demônios.¹⁸

Essa autora ressaltará, ainda, a coragem de Maria Madalena por permanecer ao lado de Jesus em todos os momentos. Até mesmo quando os próprios apóstolos teriam abandonado o sepulcro de Jesus, ela teria permanecido ali sem demonstrar medo. O Jesus de Villena argu-

mentará - para justificar sua predileção por Maria Madalena - que ela seria quem nunca o renegaria, como faria até mesmo o seu amado Pedro:

Os meus discípulos me desampararão e fugirão pelo grande terror e confusão da minha morte. Pedro, o tão amado, negará ser meu discípulo. E vós, fortíssima Madalena, sem nenhum temor, publicamente chorará por mim, seguindo-me na minha dolorosa morte e paixão.¹⁹

A LUXÚRIA

No discurso masculino medieval, a noção de luxúria está quase sempre vinculada à figura feminina. Os pressupostos bíblicos do Pecado Original servem como base de sustentação dessa noção. Falar de Pecado Original é falar também de luxúria, ou seja, prazeres físicos, sexuais. Explica-se então a fraqueza de Eva perante as tentações carnavais através das supostas predisposições naturais dos seres femininos ao que poderíamos definir como luxúria. Explica-se também que o que há de dor e imperfeição no plano terrestre advém desse primeiro erro cometido. Da constatação de uma culpabilidade se estrutura a construção de gênero feminino. E na noção de gênero feminino, durante o referido período, a luxúria é o substantivo que melhor o define.

Isabel de Villena dará uma resposta a isso. De forma contrariamente genérica, ela dirá que as mulheres seriam, por natureza, inclinadas à virtude.²⁰

Também será diferenciada a maneira de Villena abordar o tema da sexualidade. Ela aceitará, por exemplo, o fato de Madalena, anteriormente ao encontro com Jesus, seguir os “impulsos carnavais” e importar-se apenas com prazeres e desejos pessoais.²¹ E explicou que essa inclinação seria, na realidade, reflexo de sua plena autonomia com relação à vida.²²

A autora fará, ainda, um ataque aqueles que costumam “julgar e condenar as pessoas que se preocupam mais em satisfazer a vontade desordenada do que em conservar a fama”²³, definindo como “mal faladores” os que se “deliciam” em difamar as “grandes mulheres”. Dirá que

os que assim agem seriam em geral pessoas que sentem prazer na difamação sem fundamento.

Apesar de Villena falar de “apetites sensuais” como algo a ser controlado, não sugere o fato de ser a mulher predisposta a eles em especial. Nos parece evidente que ela perceba que a mulher será em muitos casos vítima tanto de violências como de calúnias, no que diz respeito a sua suposta propensão ao pecado da luxúria. Villena, através das palavras de Jesus, falará de uma “inclinação humana e sensual” à qual qualquer ser humano estaria sujeito a seguir.

No simbólico episódio do apedrejamento de Madalena, as palavras do Jesus de Villena serão mais severas com os agressores:

Oh, vós, que sois tão terrenos pela grande inveja que os governa, que não vos deixa pensar nem entender, a não ser sobre a terra ou sobre as coisas relacionadas a ela! Como podem acusar esta mulher, que, seguindo a inclinação terrena e sensual, cometeu pecado, como se vós não tivésseis infinitos pecados e também de pior espécie, já que estes estão envelhecidos dentro das vossas almas e desconhecidos.²⁴

A DISSEMINAÇÃO DO MEDO

Nos parece evidente que a forma mais utilizada pela Igreja para tornar efetiva sua moral foi a disseminação do medo. No que se refere mais especificamente às mulheres, isso foi agravado pelo maior leque de restrições impostas em função de seu sexo.

A imposição do medo ia além do estabelecimento dos castigos individualizados como forma de purgar as faltas pessoais. Ele se efetivava também de modo coletivo, fazendo, por exemplo, com que cada fiel se convertesse em responsável pelo cumprimento das prescrições da moral cristã. Em outras palavras, se os indivíduos de uma determinada comunidade não impedissem que certas faltas fossem cometidas entre seus compatriotas, toda a comunidade poderia ser punida. Cada fiel seria obrigado a converter-se em guardião de toda a comunidade, vigiando-a e controlando-a, sob pena de vê-la submetida a alguma desgraça.

Villena, assim como outros autores do seu tempo, faz referência a esse tema. Contudo, ela o abordará sob uma perspectiva totalmente distinta da maioria dos seus contemporâneos. Com relação à imposição do medo como forma de evitar os pecados contra a fé cristã, Villena se mostrará totalmente em desacordo, afirmando que o desejo de Jesus é ser amado e não temido.²⁵

Ao referir-se ao adultério feminino, por exemplo, Villena não sugerirá nenhum castigo físico como punição. Ilustrando com o conhecido episódio do encontro entre Madalena e Jesus, quando essa era apedrejada, Villena sugerirá para a mulher pecadora a conversão e a remissão dos pecados. Para a autora, Jesus teria perdoado a Maria Madalena e, dessa forma, feito com que ela se convertesse e o amasse. Isso não por desejar a morte para os pecadores e, sim, a conversão deles.²⁶

A RELAÇÃO MÃE E FILHA

Com relação à existência de uma cumplicidade feminina -sugerindo uma espécie de proteção entre as mulheres que facilitaria o encobrimento de supostas transgressões praticadas - encontramos várias alusões que confirmará esta crença na abordagem da relação mãe-filha. Para muitos essa relação poderia representar - por razões variadas - uma ameaça aos demais membros da família. A preocupação se faz visível, uma vez que se imagina que a mãe, em muitos casos, protegeria a filha em detrimento do filho varão.

Na crítica que Jaume Roig fará às mães, não deixará de protestar contra o fato destas não hesitarem em prejudicar os seus filhos deserdando-os, por exemplo, para favorecerem as filhas; ele assim afirmará:

Se não podem trapacear outros, enlameiam e deserdam seus filhos, os bens dos filhos tiram para aumentar o dote das filhas; jóias, ostiários, aposentos, enxoval os fazem pagar, ficando com a melhor parte dos melhores bens.²⁷

Esse autor acusará a existência de uma cumplicidade entre mãe e filha também no que se refere à prática de transgressões de caráter extremamente perverso. Percebemos isso no relato que fará de crimes cometi-

dos por uma padeira parisiense, auxiliada - frisarà o autor - por suas duas filhas mais velhas. O hediondo crime cometido pelas três nada mais seria que o assassinato de seus clientes para posterior utilização da carne na confecção de seus quitutes.²⁸

Já para Isabel de Villena essa cumplicidade ocorre de uma maneira completamente diversa. A referência que encontramos em sua obra diz respeito à relação existente entre duas personagens - mãe e filha - bastante conhecidas: Ana e Maria. Um dos episódios mais dolorosamente descritos na obra de Villena será a separação entre elas quando da fuga de Maria para o Egito. Para Villena, essa separação será, principalmente para a mãe, quase insuportável; Ana assim queixa-se:

Oh, filha minha! E eu em minha vida verei tanta dor!... Com vós, minha filha, quero estar e jamais vos deixarei, já que prefiro morrer em vossa companhia que viver ausente de vossa presença.²⁹

Ana também sofrerá por não poder corresponder-se com sua filha:

Oh, minha filha! Se eu soubesse que irias para um lugar onde serias bem acolhida e que eu pudesse receber constantemente cartas vossas, que é a melhor consolação para as pessoas queridas que se encontram separadas.³⁰

Ana não se esquecerá da alimentação de sua filha durante a fuga ao Egito, e Villena dedicará grande parte do capítulo LXXXIII de sua obra à descrição de toda a provisão que aquela preparará para Maria e sua família.³¹

Villena mais uma vez está contradizendo a dura crítica de Roig às mulheres - no caso, mães e filhas - já que este autor recorrerá constantemente ao tema das mães perversas e até mesmo infanticidas.

As mães perversas descritas por Roig seriam aquelas capazes, por exemplo, de expulsarem seus filhos - em sua opinião as mães exerciam sua perversão principalmente contra os filhos varões - de casa, após a morte do marido, deserdando-os e abandonando-os em absoluta miséria.³² Outro exemplo seria o das mulheres que deixam seus filhos aos cuidados de amas-de-leite por questões puramente estéticas. Sobre estas ele dirá:

A QUERELLE DES FEMMES

mães traidoras, dissipadoras deliberadas, tanto conscientemente quanto loucamente: os próprios filhos aleijam, seus olhos arrancam.³³

Por último, encontramos casos de mães infanticidas,³⁴ como por exemplo, as amazonas, que matariam os filhos do sexo masculino.³⁵

OS TRÊS MODELOS FEMININOS - MARIA, EVA, MADALENA

Pode-se observar no discurso medieval a forte presença de três modelos femininos representados por três figuras bíblicas: Maria, Eva e Madalena. Esses modelos trazem todos eles consigo uma gama variada de estereótipos que alimentam a construção do gênero feminino.

Maria, cujo culto expandia-se na baixa Idade Média, é apresentada por todos como símbolo de perfeição e como modelo de um feminino utópico, inexistente fora dos limites dessa representação. Acreditamos que essa imagem de mulher traça como nenhuma outra os limites intransponíveis do ideal feminino.

Eva é a imagem que mais se aproxima do modelo feminino apresentado pelo discurso medieval; sendo sinônimo do pecado pela fraqueza, será apresentada como a precursora da negatividade inerente ao sexo feminino.

Quanto à Maria Madalena, é curioso observar como Isabel de Villena dará, em sua obra, protagonismo a esta personagem, convertendo em original o seu relato. Enquanto a maioria dos autores medievais parecem encontrar apenas em Maria um modelo feminino realmente positivo, essa autora valenciana, vai mais além, buscando em Madalena um modelo mais acessível às mulheres.

Para Jaume Roig, por exemplo, Maria seria a única mulher privada de vícios:³⁶

pura, plena, perfeita, sem querelas, a toda bela, verdadeira... mãe e amiga do criador.³⁷

Observar Jaume Roig emitir tais comentários de um ser do sexo

feminino ao final de uma narrativa de excessiva misoginia produz, em um primeiro momento, uma certa estranheza. No momento posterior, somos capazes, no entanto, de constatar justamente a obviedade dessa mudança: através do modelo de Maria apresentado, ele reforçará todas as suas críticas a um contingente que, em seu discurso, apesar de possuir um exemplo de perfeição a ser seguido, insistiria em perpetuar a imperfeição típica do seu sexo.

Desta forma, a Maria de Roig, contrariando todos os outros exemplos femininos por ele descritos, abdica, por exemplo, da vontade de manter-se solteira para satisfazer a vontade dos “santos rabinos”;³⁸ casa-se, sem pretensões econômicas, com um homem muito mais velho;³⁹ mesmo casando-se, não peca, na medida em que permanece virgem;⁴⁰ é a verdadeira mãe, já que foi engravidada secretamente e sem “cansaço”.⁴¹

Dada a temática da obra de Isabel de Villena é de se esperar o protagonismo da figura de Maria. Villena dedica um espaço bastante representativo a ela em sua obra, oferecendo de especial em sua narrativa a originalidade de algumas de suas abordagens. A Maria de Villena, além de símbolo de virgindade e pureza, será também exemplo de fortaleza, sendo comparada com uma “batalla ben guarnida e molt ordenada de valents cavallers”.⁴² Parece-nos marcante o interesse de Villena na utilização do modelo de Maria como forma de contrapor a utilização, por parte da literatura misógina desse período, do modelo de Eva; para ela, Maria teria recuperado a honra das mulheres, perdida com Eva, ao dizer:

exaltou-as e dignificou-as tanto que somente pelo vosso amor a elas, estas serão amadas por todo o mundo, que muito maior honra ser-vos feita que aos homens.⁴³

Villena não observa Maria como um modelo inatingível, distanciando de forma absoluta - como querem a maioria dos autores de sua época - do modelo real de mulher que ela, apenas pelo seu sexo, representa. Em seu texto percebemos Maria como uma real representante feminina que demonstra a possibilidade e a necessidade de ser respeitada também enquanto mulher, obrigando, assim, a que suas “filhas”, a priori, também o

sejam, pois, do contrário, alerta a autora:

e aqueles que falam mal das mulheres cairão em minha ira, já que devem pensar que a minha mãe é mulher, que reconheceu à todas as vossas filhas grande coroa, e isso é uma salvaguarda tão forte, que ninguém pode desconsiderar, sem que eu muito me ofenda.⁴⁴

Com relação à segunda personagem, Eva, um século antes de Villena, Francesc Eiximenis, outro autor catalão baixo-medieval, sintetizou em algumas palavras no início de seu livro sua definição: pelo pecado por ela cometido, Deus teria sentenciado todas as mulheres que a sucederiam a passarem por muitos sofrimentos.

Eva teria sido privada da graça divina e da justiça original e ferida na *natura*, ou seja, perdido grande parte da sensatez que possuía; perderia também a “senhoria real” sobre as criaturas e seria colocada sob “especial jugo e regimento” do marido; pariria seus filhos, a partir de então, com muita dor; passaria sua vida com muito suor, trabalho e misérias até sua morte; teria a carga dolorosa de ter transmitido suas desgraças principalmente às mulheres que, por esta razão, teriam muito mais sofrimentos que os homens.⁴⁵

Eiximenis argumenta que o castigo dado a Adão - e consequentemente aos homens - por ter pecado, juntamente com Eva, teria sido o de ser obrigado a suportar sua mulher em suas paixões e misérias.⁴⁶ Para o autor, o fato de Eva ter pego o fruto proibido teria significado um ato de soberba típico do orgulho de “fêmea” que, na expectativa de igualar-se a Deus, ouvirá a voz da tentação.⁴⁷

Deus, para humilhá-la, teria feito com que a mulher fosse subjugada ao marido e que fosse também visivelmente mais fraca que esse.⁴⁸ Eiximenis acrescenta ainda que esse ato de rebeldia de Eva - que sem medo teria comido o fruto proibido - trouxe como consequência a pena imposta a todas as mulheres de serem medrosas, de não lutarem nem defenderem a terra e de não terem força física.⁴⁹

Finaliza seu discurso sobre Eva, afirmando que esta é a própria representação da mãe, mas da mãe que transmite aos filhos - e principalmente às filhas - os seus pecados.⁵⁰ Antes de concluir, no entanto, ele dirá

que Eva, como mãe de todos, deve ser adorada principalmente pelos sofrimentos os quais teve de passar para redimir-se de seus pecados.⁵¹

As referências a Eva na obra de Jaume Roig se resumem fundamentalmente aos comentários do mesmo com relação aos sofrimentos femininos com o parto. Segundo esse autor, esse sofrimento advinha do pecado cometido por Eva:

Como não confessou o seu erro, ao contrário o desculpou com a serpente, eternamente foi condenada à morte, penalizada e amaldiçoada por toda a vida a ser subjugada. Foi expulsa do paraíso e teve que parir sempre com tristeza e grande dor.⁵²

Contraditoriamente, Roig acusa as manifestações de sofrimento feminino com o parto de serem simulações para despertar piedade.⁵³

Isabel de Villena não deixará tampouco de responsabilizar Eva por ter corrompido a natureza humana ao introduzir o pecado entre os homens;⁵⁴ no entanto, para essa autora, o erro cometido por Eva adveio muito mais da ignorância e ingenuidade - as quais a teria feito vulnerável à tentação - do que de uma inclinação natural feminina ao pecado.

Villena traçará também uma importante aproximação entre Eva e Maria, onde a segunda, em um gesto de afinidade, reconhecerá os méritos da primeira e, proclamando o perdão a ela já concedido, se converteria, para Villena, no novo protótipo feminino.

Maria e Eva, dois modelos tradicionalmente antitéticos, se aproximarão na obra desta autora medieval, reduzindo assim o predominante maniqueísmo das análises medievais sobre ambas personagens.

Villena introduz Madalena em seu livro, tentando encontrar justificativas para explicar a opção de vida dessa personagem antes de sua aproximação com Jesus. A extrema liberdade gozada por Madalena - ao ser primogênita de uma família possuidora de grandes riquezas, cujos pais, já mortos, deixaram a ela o controle familiar - é vista por Villena como razão suficiente para justificar o fato de Madalena deixar-se levar pelos "deleites e prazeres pessoais"⁵⁵ sem se preocupar em controlar os "apetites sensuais".⁵⁶

Villena tenta insinuar também que o fato de Madalena não somen-

te ser mulher, mas rica e bonita, despertaria nas pessoas a sua volta inveja suficiente para difamá-la, fazendo-a conhecida como "a mulher pecadora".⁵⁷

Observamos ainda na obra de Villena uma aproximação bastante forte entre Maria e Madalena. A dimensão do personagem de Madalena nesta obra é tão grande que chega até mesmo a dividir com Maria o protagonismo feminino. Villena vai buscar, por exemplo, em Salomão - resposta direta a Jaume Roig? - referências positivas à personagem. O rei dos hebreus teria, em espírito, falado a Madalena, exaltando-a como exemplo de devoção, amor e caridade dedicados à Jesus, além de defini-la como possuidora de uma beleza capaz de deixar admirado tanto o sol quanto a lua.⁵⁸

Apesar de constataremos entre Maria e Madalena uma grande proximidade, essa se estabelece, no entanto, somente na medida em que existe ao centro, como ponto de referência, a figura de Jesus.

Os atributos que a Maria de Villena utiliza para definir Madalena e a admiração que demonstra ter para com essa estão quase sempre relacionados à dedicação que a mesma manifesta para com seu filho, reverenciando, desta forma, o grande amor que ela lhe dedica. O amor que uniu Jesus a Madalena seria, para Maria, razão suficiente para admirar, como diz Villena, "a amada" de seu filho.⁵⁹

O amor surgido entre ambos seria a razão fundamental da conversão imediata de Madalena, a qual, em seu primeiro contato com Jesus, sente-se em júbilo profundo. Por sua vez Jesus corresponderá na mesma intensidade a esse amor, manifestando-o desde seu primeiro contato com Madalena.

Pensamos nas razões pelas quais Villena decide centrar de forma tão marcante tanto o personagem de Madalena, quanto a relação desta com Jesus. É impossível não observar também a erotização da narrativa de Villena quando se trata de descrever os encontros de ambos,⁶⁰ deixando claro ao leitor a intensidade do sentimento que ligaria esses personagens.

Pensamos que na vontade de Villena de escrever um livro que falasse das personagens femininas da Vita Christi estaria também a vontade de manifestar-se contra uma corrente literária que pretendia apresentar a

mulher como um ser repleto de características negativas. Nesse caso, ela manifestará essa vontade através da contradição que o amor de Jesus por uma mulher como Madalena representaria para essa corrente misógina.

Acreditamos que Villena teria tido a opção de escolher como protagonista única tanto de sua obra como do amor de Jesus, Maria, sua mãe, já que esta seria, também para o Jesus de Villena, a própria representação da perfeição. No entanto, ela decide dividir esse protagonismo entre as duas personagens. Talvez a autora tenha desejado para sua obra uma protagonista que estivesse mais próxima do protótipo feminino - tanto mais divulgado quanto atacado - da mulher que peca.

Mas, que mesmo assim pudesse ser - depois do reconhecimento de sua culpa e arrependimento - amada e venerada, também, enquanto mulher. Pensamos que nessa opção de Villena está implícita a necessidade de se evitar a perpetuação do uso da figura de Maria, mais uma vez, como uma eterna exceção.

No contexto de uma literatura que insiste no menosprezo ao sexo feminino, tendo como base tanto o discurso teológico quanto os incipientes saberes científicos, é importante perceber que algumas mulheres levantaram suas vozes, também através da literatura, com o objetivo oposto.

Isso é importante, por exemplo, para a construção de uma genealogia de mulheres e para que seja possível constatar a maneira ativa como algumas mulheres se posicionaram frente às adversidades de seu tempo, mesmo em períodos históricos considerados superficialmente como de obscurantismo, de retrocesso, de opressão e inércia feminina.

Nos alivia saber que contra as vozes que chegavam a considerar que os sofrimentos físicos derivados do parto seriam meras fantasias, ou seja, ardis femininos, se levantaram com toda coragem e firmeza mulheres como Isabel de Villena.

Uma de suas frases revela muito bem a luta travada pelo movimento da *Querelle des Femmes*, já que evidencia o enfrentamento entre homens e mulheres. Villena, na voz de Jesus, ameaçou os homens com a ira divina da mesma forma que seus contemporâneos ameaçavam as mulheres:

e os que falam mal das mulheres cairão em minha ira.⁶¹

Notas

¹ Sobre esse tema ver J. KELLY, *Early feminist theory and the "Querelle des femmes", 1400-1789*, em *Women, History and Theory*, Chicago e Londres, 1984, págs. 65-109; G. Koch, *Frauenfrage und Ketzertum in Mittelalters. Die Frauenbewegung im Rahmen des Katharismus und des Waldensertums und ihre sozialen Wurzeln (12.-14. Jahrhundert)*, Berlin. Akademie, 1962; M. RIVERA GARRETAS, *Las Prosistas del Humanismo y del Renacimiento (1400-1550)*, in Myriam Díaz-Diocaretz e Iris M. Zavala, eds., *Breve historia feminista de la literatura española*, vol.3 (em prenta).

² Sobre esse tema ver E. HICKS, *Le débat sur le Roman de la rose. Christine de Pizan, Jean Gerson, Jean de Montreuil, Gontier et Pierre Col*, Paris, Champion, 1977; E. HICKS, ed., *Le débat sur le Roman de la rose. Christine de Pizan, Jean Gerson, Jean de Montreuil, Gontier et Pierre Col*, Paris, Champion, 1977; S. J. HUOT, *The Romance of the rose and its medieval readers: interpretation, reception, manuscript transmission*, Cambridge-New York, University Press, 1993; J. HILL, *The medieval debate on Jean de Meung's Roman de la Rose: morality versus art*, Lewiston, Edwin Mellen Press, 1991; P. Y. BADEL, *Le Roman de la Rose au XIV^e siècle: étude de la réception de l'oeuvre*, Genève, Droz, 1980; P. POTANSKY, *Der Streit um den Rosenroman*, München, W. Fink, 1972. Uma ampla bibliografia sobre o tema oferece: H. ARDEN, *The Roman de la rose: an annotated bibliography*, New York, Garland, 1993.

³ Sobre esta autora ver R. ALEMANY FERRER, *La "Vita Christi" de sor Isabel de Villena: ¿Un texto feminista del siglo XV?*, in *La voz del silencio I (siglos VIII-XVIII)*, Cristina Segura Graño, ed., Madrid, Al-Mudayna, 1992, p. 251-64; E. CARRASCO e I. PEREZ i MOLINA, *Isabel de Villena: la Corona d'Aragó i els Reis Catòlics*, Barcelona, Graó de Serveis Pedagògics, 1992; G. COLON [et al.], *Literatura valenciana del segle XV: Joanot Martorell i sor Isabel de Villena*, València, Consell Valencià de Cultura, 1991; A. HAUF, *D'Eiximenis a sor Isabel de Villena: aportació a l'estudi de la nostra cultura medieval*, València, Institut de Filologia Valenciana, 1990; J.L. ORTS, *Una muestra temprana de peculiarismo estilístico-literario femenino: "Vita Christi" de sor Isabel de Villena*, in *La voz del silencio I*, op. cit., p. 265-75.

⁴ I. DE VILLENA, *Protagoniste. Femenines a la "Vita Christi"*, Rosanna Cantavella e Lluïsa Parra, eds., Barcelona, La Sal, "Clàssiques Catalanes n.15", 1987.

⁵ Sobre este autor ver V. AGÜERA, *Un pícaro catalán del siglo XV: el Spill de Jaume Roig y la tradición picaresca*, Barcelona, Ed. Hispam, 1975; R.

CANTAVELLA, *Els cards i el llir: una lectura de l'Espill de Jaume Roig*, Barcelona, Quaderns Crema, 1992; ib., *Los verbos incoativos en "L'Espill"*, de Jaume Roig, in *Cuadernos de Filología de la Universidad de Valencia*, 1 (1984), pp. 59-63.

⁶ J. ROIG, *Llibre de les dones, o spill*, Francesc Almela i Vives, Barcelona, Barcino, 1980.

⁷ Cf. ed. crítica de Francesc Almela i Vives, *Llibre de les dones, o spill*, v. nota seguinte.

⁸ Ib., p. 23.

⁹ Cf. T. de AQUINO, *Summa Theologica - Tertia pars*, q. XXVII, art. 5, B. de Rubéis, ed., Veneza, 1757, pp. 170-1.

¹⁰ I. de VILLENA, *Protagonistes*, *op. cit.*, p. 67.

¹¹ Ib., p. 125.

¹² Ib., p. 153 (tradução livre).

¹³ J. ROIG, *Dones*, *op. cit.*, pp. 59-60.

¹⁴ Ib., p. 57.

¹⁵ Ib., p. 52.

¹⁶ I. DE VILLENA, *"Vita Christi"*, *op. cit.*, p. 37.

¹⁷ Ib.

¹⁸ Ib., p. 15.

¹⁹ Ib., p. 103.

²⁰ I. DE VILLENA, *"Vita Christi"*, *op. cit.*, p. 40.

²¹ Ib., p. 44.

²² Villena ressaltará o fato de Madalena tornar-se a responsável pela família após a morte de seus pais, mesmo tendo um irmão, e de ser herdeira de grande fortuna; ib., p. 44.

²³ Ib., p. 45.

²⁴ Ib., p. 88.

²⁵ I. DE VILLENA, *"Vita Christi"*, *op. cit.*, p. 90.

²⁶ Ib.

²⁷ J. ROIG, *Dones, op. cit.*, p. 112.

²⁸ Ib., p. 45.

²⁹ I. DE VILLENA, *"Vita Christi"*, *op. cit.*, p. 32.

³⁰ Ib.

³¹ Ib., pp. 33-5.

³² J. ROIG, *Dones, op. cit.*, pp. 34-5.

³³ Ib., p. 141.

³⁴ Ib., p. 81.

³⁵ Ib., pp. 142-3.

³⁶ J. ROIG, *Dones, op. cit.*, p. 159.

³⁷ Ib., p. 161.

³⁸ Ib., p. 164.

³⁹ Ib.

⁴⁰ Ib., p. 165.

⁴¹ Ib., p. 167.

⁴² I. DE VILLENA, *"Vita Christi"*, *op. cit.*, p. 15.

⁴³ Ib., p. 132.

⁴⁴ Ib., p. 123.

⁴⁵ F. EIXIMENIS, *Lo Libre d' les Donas*, Frank Naccarato, ed., Barcelona, Curial, 1981, vol. I, p. 16.

⁴⁶ Ib., p. 19.

⁴⁷ Ib., p. 19.

⁴⁸ Ib.

⁴⁹ Ib., p. 21.

⁵⁰ Ib., p. 23.

⁵¹ Ib., p. 26.

⁵² J. ROIG, p. 155.

⁵³ Ib., p. 137.

⁵⁴ I. DE VILLENA, "*Vita Christi*", *op. cit.*, pp. 42, 122, 131.

⁵⁵ Ib., p. 44.

⁵⁶ Ib.

⁵⁷ Ib., p. 45.

⁵⁸ Ib., p. 49.

⁵⁹ Ib., p. 150.

⁶⁰ V. capítulos CXVII, CXIX, CXX, CCXLII; I. DE VILLENA, "*Vita Christi*", *op. cit.*

⁶¹ Ib., p. 123.

A QUERELLE DES FEMMES

RESUMO: Principalmente a partir do séc. XII, as mulheres, enquanto coletivo, se convertem em uma "questão" incômoda tanto ao assumir um papel mais ativo nos espaços tradicionalmente femininos, como ao entrar em outros espaços até então exclusivamente masculinos. O mal-estar gerado por este processo aguça o conflito entre os sexos, cuja maior expressão será o movimento denominado Querelle des Femmes. Isabel de Villena é uma representante ibérica desse movimento c/ sua obra *Protagonistes Feminines a la "Vita Christi"*.

[**PALAVRAS-CHAVES:** Mulher, História/Gênero, literatura medieval, Idade Média, Península Ibérica.]

ABSTRACT: Women became, mainly from the 12th century on, a disturbing "issue" concerning their gender. Both as they began taking a more active role in their traditional female duties as well as when they started taking upon themselves roles that were exclusively masculine, up to that time. The dissatisfaction generated by this process increased even more the conflict between sexes. A highlight of this gender conflict is the movement called "Querelle des Femmes". Isabel de Villena is a spanish representative of this movement with her book "*Protagonistes Feminines a la "Vita Christi"*".

[**KEY WORDS:** women, History/Gender, Medieval Literature, Middle Age, Iberian Peninsula.]